

Ione Conceição Soares
Joelma Auxiliadora Soares do Prado
Jozielle Alves de Paula
Luciene Gercy Rodrigues Sousa
Maria Alice Alves de Aquino
Soraid Souza Mendes

HORA DO CONTO

1.ª Edição



ISBN- 978-65-84809-15-4
2022

1ª EDIÇÃO

IONE CONCEIÇÃO SOARES
JOELMA AUXILIADORA SOARES DO PRADO
JOZIELLE ALVES DE PAULA
LUCIENE GERCY RODRIGUES SOUSA
MARIA ALICE ALVES DE AQUINO
SORAID SOUZA MENDES

HORA DO CONTO

**ISBN- 978-65-84809-15-4
2022**

ISBN: 978-65-84809-15-4

ORL



9 786584 809154



<http://periodicorease.pro.br/>



contato@periodicorease.pro.br



+55(11) 94920-0020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H811 Hora do conto [livro eletrônico] / Ione Conceição Soares... [et al.]. –
São Paulo, SP: Ed. do Autor, 2022.
62 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84809-15-4

1. Crianças – Livros e leitura. 2. Aprendizagem. 3. Arte de contar histórias. I. Soares, Ione Conceição. II. Prado, Joelma Auxiliadora Soares do. III. Paula, Jozielle Alves de. IV. Sousa, Luciene Gercy Rodrigues. V. Aquino, Maria Alice Alves de. VI. Mendes, Soraid Souza.

CDD 028.55

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

1ª Edição - Copyright© 2021 dos autores.

Direito de Edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

Editora-Chefe Dra. Patrícia S. Ribeiro

Revisão Os autores

Projeto Gráfico Ana Cláudia Néri Bastos/ Talita Tainá Pereira Batista

Conselho Editorial Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

José Fajardo, Fundação Getúlio Vargas

Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

María Valeria Albaronedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
INTRODUÇÃO	10
.	
CAPÍTULO 1- A LEITURA E A LITERATURA INFANTIL	11
CAPÍTULO 2- A ARTE DE LER E CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS	31
CAPÍTULO 3- A LITERATURA E DA HORA DO CONTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	46
CONCLUSÃO	57
.	
REFERÊNCIAS	61
...	

APRESENTAÇÃO

O presente livro visa determinar a importância e contribuição da literatura infantil e da hora do conto para o desenvolvimento de crianças pré-escolares, para o qual é utilizada em pesquisas bibliográficas para obter o conhecimento necessário sobre o assunto.

O objetivo do mesmo é aprofundar as pesquisas sobre esse tema, observando que, por se interessar e fascinar as crianças pequenas por histórias, precisamos buscar conhecimento para aprimorar a técnica e entender a importância da literatura na vida de uma criança.

A literatura infantil e da hora do conto são importantes no desenvolvimento infantil, no estímulo a leitura e a escrita, auxilia na formação de um leitor, é também estímulo à inteligência, a imaginação e ajuda as crianças na resolução de problemas práticos da vida diária.

As autoras.

INTRODUÇÃO

O trabalho atual é apenas o começo de um longo caminho, por razão de curiosidade e interesse em entender a importância da literatura infantil e da hora do conto para crianças pré-escolares, pois, desde muito cedo, é visto entusiasmo em crianças por ouvir histórias fantásticas. Percebendo que, desde muito pequenas, as crianças se interessam e gostam desses contos, levou à curiosidade de buscar mais conhecimentos para aprimorar a técnica e compreensão pedagógica sobre como os contos funcionam na vida de uma criança.

Nesse sentido, este estudo procura responder às seguintes questões: Qual a importância da leitura e da contação de histórias para os pré-escolares? Esta questão de pesquisa expressa a preocupação por uma melhor compreensão das necessidades das instituições de primeira infância, expondo a necessidade e importância para o desenvolvimento infantil, mas não articula profundamente essa importância. Portanto, o objetivo deste projeto é demonstrar a importância e contribuição da literatura infantil e da hora do conto no desenvolvimento de crianças pré-escolares.

Com isso em mente, este livro utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica de referências teóricas de autores como Coelho (2001), Abramovich (1993), Coelho (1987), Carvalho (1989), e busca por meio de resumos e anotações para este estudo, uma compreensão mais profunda do assunto e a possibilidade de ampliar o conhecimento, até o início, sobre este importante assunto.

A LEITURA E A LITERATURA INFANTIL



FIGURA 1 A LITERATURA INFANTIL E A SUA IMPORTÂNCIA PARA O HÁBITO DA LEITURA Fonte: <https://www.google.com>

1.1 História da literatura infantil

O homem está em constante mudança e transformação desde sua origem, o que lhe permitiu desenvolver seu intelecto para poder registrar suas experiências de vida de forma contínua e coerente. Divulgados oralmente ou por escrito, estes registros permitem transmitir diferentes experiências de geração em geração, mostrando a forma como veem o mundo, os seus valores, a sua cultura e o seu modo de vida. O

desenvolvimento humano ocorre quando os indivíduos tomam consciência dessa cultura e passam a comunicá-la e transmiti-la por meio de narrativas orais ou escritas, produto do ser humano, e ocorre ainda em diversos grupos sociais e familiares.

Segundo Coelho (1987) de todas as expressões humanas, a literatura é a mais eficaz porque utiliza uma linguagem criativa. Essa linguagem criativa permite que as pessoas interpretem criativamente o que está acontecendo em suas vidas. Portanto, as pessoas usam a fantasia para explicar fenômenos naturais, tentar resolver as dúvidas das pessoas e dar explicações caprichosas para os mistérios da vida humana (fenômenos naturais).

Góes (1984, p. 63) explica que: “O narrar artístico do homem nasceu a partir do momento em que sentiu a necessidade de procurar uma explicação qualquer para os fatos que aconteciam ao seu redor” e acrescenta que “Conservavam suas lembranças na tradição oral; onde a memória falhava, entrava a imaginação para supri-la, e a imaginação era o que povoava de seres seu mundo. Foi este momento a etapa infantil da humanidade”. Criavam histórias sobrenaturais e fabulosas, fazendo com que o mágico tomasse conta das narrativas, dando origem aos contos e fábulas maravilhosos.

O mágico, ocorrendo em tempos indeterminados e em diferentes contextos, desobedecendo à sequência dos acontecimentos, fugindo da realidade, atrai espontaneamente as crianças, uma forma primitiva e fantástica de literatura que veio a ser conhecida como literatura infantil. Oliveira (2005) defende que a literatura infantil não deve ser desvalorizada

por causa de sua denominação e, embora não seja escrita especificamente para crianças, é escrita para todos que com ela se identificam.

Sabe-se que a literatura precede a própria linguagem escrita, por contar com a narrativa oral iniciada desde os primórdios da vida humana, sendo assim Carvalho (1989, p. 18) conclui que “a literatura nasceu, desenvolveu-se e cresceu, com o homem e como o homem”.

Por esse motivo é difícil especificar a sua origem, tendo muitos pesquisadores que buscam traçar sua trajetória e procuram sua real origem, isto é, “[...] quando se começou a escrever com a intenção de fornecer leitura apropriada para as crianças, levando-se em consideração os aspectos da sua evolução mental e emocional” (SALEM, 1970, p. 19).

Segundo Coelho (1991), entre os séculos IX e X, histórias populares conhecidas hoje como folclore ou literatura infantil começaram a se espalhar na oralidade pela Europa. A partir de documentos rupestres ou manuscritos, acredita-se que estejam relacionados a antigos rituais cuja finalidade é ajudar os humanos a superar e compreender fenômenos que não são facilmente compreendidos por falta de conhecimento científico, mas essas histórias são apenas explicações dos fenômenos. Naturalmente, uma história maravilhosa.

Através da oralidade, algumas fábulas orientais se espalharam pela Europa na Idade Média, ficando conhecidas como Narrativa Primordial ou Clássica permanecendo até os dias atuais. Segundo Coelho (1991), a fonte é heterogênea, e os orientalistas encontraram a mesma narrativa na Índia e no Egito por meio de pistas documentais, mesmo em períodos históricos

diferentes, comprovando que a palavra foi continuada por meio de relatos orais, por pessoas de vários períodos.

Em grande parte desses relatos primitivos, a ação se passa fora dos limites do mundo conhecido, o que mostra que, desde as origens procurava-se explicar não somente a vida cotidiana, mas também o que continha além dos limites conhecidos e compreensíveis (COELHO, 1991, p. 15).

Coletivamente, essas narrativas sobre um mundo pouco conhecido transportam os ouvintes para um mundo mágico onde tudo pode acontecer. Há um contexto didático nessas narrativas originais, pois na Idade Média, a igreja e a religião tiveram um papel muito influente na sociedade, uma época de conflitos, invasões territoriais e disputas de poder, e essas histórias foram caracterizadas pela violência para marcar os tempos, como afirma Coelho (1991, p. 33). “O fato é que as marcas dessa violência ficaram impressas em muitas narrativas maravilhosas que nasceram nessa época”. Essas marcas aparecem em histórias com ogros, lobos e outras criaturas malignas que comem crianças.

No entanto, a história se torna menos violenta à medida que as experiências humanas mudam e oscilam. Essa perda gradual de violência e agressão narrativa pode ser observada ao comparar a primeira edição clássica com as versões mais modernas. Durante o mesmo período, histórias fascinantes sobre bruxas, fadas, ogros e criaturas mágicas podem ter nascido de romances de cavaleiros.

Existem alguns pressupostos de que as fadas nasceram após o processo de feminização, que antes era visto como negativo, como visto nos romances de cavalaria, através da cristianização que se deu no mundo e na

literatura europeias, perceber o ideal absoluto de valor tornando-se a realização a ser alcançada no interior do homem

Ainda ao nível literário, ao aparecerem nas novelas de cavalaria, as fadas integrariam esse processo de idealização da mulher, simbolizando-a como o ser ambíguo e misterioso que detém o poder sobre os destinos dos homens e se identifica com a própria vida (COELHO, 1991, p. 50).

Segundo Oliveira (2005, p.2), “A Literatura Infantil constitui-se como gênero durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico”. Nesse período, o famoso autor Charles Perrault ganhou popularidade como escritor dedicado às crianças e, embora esse não fosse seu foco principal, foi escolhido como criador da literatura infantil.

Segundo Carvalho (1989), Perrault retratou a sociedade da época em seus contos, fazendo muitas críticas de forma sutil e em linguagem viva. A crítica sutil é comum a todos os escritores infantis, mas é diluída com o tempo, e passado o tempo da escrita da obra e da sociedade que ela orienta, a sátira se distancia do passado e se torna apenas histórias divertidas e lúdicas, sendo esvaziada para seu conteúdo crítico. Segundo Parreiras (2008, p. 61), Perrault escreveu a primeira literatura infantil ocidental, Contos da minha mãe gansa, em 1697, na qual recolheu oito histórias da tradição oral de seu país.

É essa uma literatura que resulta da valorização da fantasia e da imaginação e que se constrói a partir de textos da antiguidade clássica ou de narrativas que viviam oralmente entre o povo. Tal “tradição”, popularizante ou erudita, redescoberta ou recriada por escritores cultos, contrasta vivamente com a alta literatura clássica [...] (COELHO, 1991, p. 75).

Assim, segundo Coelho (1991), o século XVII foi uma época de classicismo e absolutismo, configurando-se como a literatura e a educação infantil definiram suas formas e mudaram com a sociedade. Neste século, essas mudanças beneficiaram a exposição da educação e da literatura, onde as crianças foram separadas dos adultos, e a necessidade de literatura infantil e das crianças nas escolas foi reconhecida, o que transformou o sistema educacional.

Ao longo do século seguinte, à medida que o Iluminismo e o racionalismo se expandiram, a literatura infantil e suas histórias fantásticas e tudo o que a ciência não conseguia explicar foram entendidos como superstição. O século XVIII foi o século da razão, os educadores foram pedagogos e os livros infantis tornaram-se manuais científicos, didáticos por natureza.

Com a ascensão da Revolução Industrial, a burguesia foi se consolidando como classe social, conquistando poder e espaço, apresentando um modelo de família ideal, com cada pessoa desempenhando um papel específico. “Na família burguesa a criança conquista seu espaço, onde se encontram também os seus livros” (CARVALHO, 1989, p. 87).

Como resultado, surgiu um novo conceito de infância onde as crianças são valorizadas e compreendidas como crianças. Nesse sentido, a partir do início da Revolução Industrial, começaram a surgir objetos específicos para crianças, e o surgimento de escolas sistemáticas também exigia livros para que as crianças fossem descobertas e se mostrassem como uma existência especial.

As ideias do filósofo iluminista suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) que ajudaram a mudar a forma como as crianças eram vistas na época, como expressavam a necessidade de as crianças serem crianças antes de serem adultas, a essência das crianças. Para criar uma nova sociedade feita de novas pessoas, é necessário considerar essa natureza e educá-las de acordo. Suas ideias ajudaram a sociedade a reconhecer a personalidade das crianças e suas necessidades, difundindo a ideia de que os homens nascem bons e a sociedade os corrompe.

Segundo Salem (1970), até hoje, todos os livros para ou sobre crianças têm sido livros didáticos de caráter moral, trazendo consigo ideias de como as crianças devem aprender e se desenvolver.

[...] a literatura infantil não era uma literatura para criança, colocando a recreação e o lazer em primeiro plano, mas uma literatura comprometida com a pedagogia e com a ética; não consultava primeiro os interesses da criança, mas os planos que o adulto desejava por em prática na educação, visando a uma classe privilegiada; enfim era uma literatura racionalista, pragmatista, utilitarista, onde o maior espaço não era reservado ao prazer e à gratuidade, mas a formação pedagógica e ética (CARVALHO, 1989, p. 89).

O século também foi marcado pelo advento do gênero aventura, no qual se desenvolveu e se espalhou pelo mundo. Esse novo estilo despertou a curiosidade e o interesse das pessoas em entendê-lo, e também atraiu alguns intelectuais para criar o novo estilo.

O século XIX trouxe de volta contos de fadas e maravilhas, e aqui se destacam os escritores alemães Irmãos Grimm (Jacob Grimm 1785-1863 e Wilhelm Grimm 1786-1859), que escreveram suas histórias com base em passeios a pé pela Europa. Durante essas viagens, eles vivenciaram diferentes experiências, ouviram histórias diferentes e aprenderam diferentes línguas e

culturas, o que lhes permitiu escrever os contos populares que os tornaram populares. Suas obras tiveram papel decisivo na construção do conceito de literatura infantil e promoveram o estudo do folclore.

A partir do início do século XIX, o trabalho proposto pelo educador alemão Friedrich Froebel (1782-1852), cujas reformas educacionais foram caracterizadas por uma mudança de ênfase da moralidade e dos currículos de ensino para o foco nas crianças, a importância das crianças e o interesse, pode-se ver que a literatura é divertida. Sendo assim, os livros passaram a ser escritos de forma mais encantadora, fantástica, maravilhosa e baseados nos contos do passado, vindo ao encontro com o interesse das crianças e com “[...] a necessidade de fantasia que a criança sente para saciar sua fértil imaginação [...]” (SALEM, 1970, p. 36). Obras escritas nesse período ainda existem hoje porque foram escritas com respeito à linguagem da criança.

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta (SALEM, 1970, p. 37).

Essa maravilhosa ilusão fascina a criança e faz com que ela comece a ser vista de outra forma. As crianças passam a ser compreendidas e vistas com características únicas que diferem dos adultos, como afirma Salem (1970, p.31) “No século XIX, a criança começa a ser considerada pelas ciências psicológica, sociológica e educacional como um ser diferente do adulto, com capacidades e necessidades próprias ao seu gradativo desenvolvimento”, envolvendo assim as teorias educacionais que estavam sendo desenvolvidas na época.

Com o desenvolvimento dessas teorias educacionais sobre as crianças ao longo do tempo, a literatura infantil também está surgindo, adaptando-se cada vez mais às necessidades das crianças, conforme o modelo educacional da época, e as características da humanidade, cada vez mais a escrita para crianças pequenas é complicada.

Se a arte de escrever já é, em si, complexa e difícil, torna-se mais engenhosa quando para criança. Ao contrário do que pode parecer, escrever para crianças é bem mais difícil e delicado. As crianças são muito exigentes. É preciso ser ou tornar-se criança, para escrever e agradar a essas criaturinhas. A imaginação, a extratemporalidade, as metamorfoses, o maravilhoso, a intenção recreativa por excelência e, sobretudo, a dramaticidade, o humorismo são caracteres literários que mais agradam às crianças. Não pensemos, porém, que dramaticidade aqui significa dramalhão impressionante. Queremos nos referir ao drama no sentido da emotividade, do sentimento, das peripécias, dos movimentos interiores que ele traduz na criança fazendo-a viver a obra infantil (CARVALHO, 1989, p. 127).

Ainda no século XIX, segundo Parreiras (2008), o escritor dinamarquês Hans Cristian Andersen (1805 - 1875), em seus contos, além de trazer narrativas folclóricas e quebrar finais felizes, foi classificado como o criador da literatura moderna.

[...] é a mistura de “maravilhoso” e “realismo” existente em sua matéria literária. Nesta não há fadas [...], o que não impede a onipresença do maravilhoso em seu universo. Na verdade, a maioria das narrativas de Andersen apresenta personagens, espaço e problemática retirados da realidade comum, conhecida por todos nós. Entretanto, o elemento mágico está em tudo, e tão naturalmente presente, que as coisas passam a acontecer em um espaço onde não existem fronteiras entre o real e a fantasia (COELHO, 1991, p. 152).

Na segunda metade do mesmo século, uma coisa incrível aconteceu na literatura infantil, e desde então as histórias passaram a ter meninos e meninas como protagonistas porque nada disso aconteceu antes disso

(ZILBERMAN, MAGALHÃES, 1982). Pouco tempo depois, a literatura infantil brasileira surgiu com a abolição da escravatura, mas era rara devido à instabilidade e dificuldade de circulação do livro.

No século XX, os autores continuaram reescrevendo velhas histórias, mas fizeram adaptações correspondentes para a nova sociedade e a nova infância, mas novas histórias também surgiram no modelo educacional da época para ensinar à criança o que se esperava que ela soubesse, com uma didática clara da natureza (SALEM, 1970), além disso, o foco da fantasia no campo da literatura voltou ao primeiro plano, mais uma vez deixando de lado o racionalismo e o realismo. Este século viu o surgimento do pai da literatura infantil brasileira, Monteiro Lobato (1882-1948), cujas histórias se concentravam em agradar as crianças. Sua obra inclui elementos do folclore nacional, além de personagens e situações da literatura mundial, e até hoje fornece referências para diversos autores.

De todo modo, os elementos irreverentes trazidos por Lobato, como o diálogo com a criança, a linguagem coloquial, a valorização da fantasia e a redescoberta do folclore, são uma constante nas produções literárias das novas gerações de autores (PARREIRAS, 2008, p. 64)

A partir da evolução do ensino e da escrita de histórias infantis, os livros são desenvolvidos de acordo com as crianças de cada faixa etária, de acordo com o nível de desenvolvimento cognitivo de cada faixa etária. Atualmente, o objetivo da literatura infantil não é apenas recriar as crianças e atrair sua atenção, mas também orientá-las e se tornar um excelente veículo de educação.

Levada à televisão, que é outro veículo poderoso por sua influência, ou simplesmente em livros, a literatura infantil deverá ser a responsável pela boa formação da personalidade das crianças,

futuros adultos e futuros dirigentes da nação (SALEM, 1970, p. 61).

Devido às necessidades educacionais da literatura infantil, os escritores infantis devem ajudar na construção do caráter e da integridade em seu trabalho, esforçando-se para formar adultos que atendam aos padrões educacionais ideais de hoje. Cursos de ética, comportamento, formação de caráter e personalidade devem ser oferecidos. Vale ressaltar que a literatura infantil foi desenvolvida de acordo com as teorias educacionais surgidas na época.

Os autores infantis devem se propor a moldar personalidades com caráter íntegro, reto, puro, desinteressado, superior; pois este é o ideal educacional de nossos dias, e, como vimos através deste desenvolvimento histórico, a literatura infantil seguiu sempre o ideal educacional da época, foi por assim dizer, forjada pelas teorias educacionais, para depois, por sua vez, moldar, forjar os caracteres infantis (SALEM, 1970, p. 61).

Para Coelho (1991), os valores e a desvalorização de uma sociedade como código de conduta e comportamento são expressos na literatura infantil, pois através dela são despertados valores morais e estéticos. Abramovich (2001), diz que a literatura infantil permite que as crianças lidem com os conflitos dentro delas, e o desenvolvimento da história busca soluções para os problemas no nível da fantasia, utilizando elementos da magia, porém, envolvendo situações que a criança já viveu.

Abramovich (2001, p.142), afirma que: “as histórias despertam o senso crítico, o prazer de ler e permite à criança elaborar suas próprias opiniões”, sendo de suma importância para o desenvolvimento e o convívio da criança com a sociedade. Isso demonstra toda a necessidade de se trabalhar à literatura no âmbito educacional.

Toda a história da literatura infantil mostra que a cada tempo, a cada época e a cada vez que é escrita, a narrativa para crianças mudará, é reflexo e reprodução de uma época, de uma nação, de um povo, de um costume e de uma cultura. Tornar o livro infantil um veículo indesculpável para a difusão da cultura e do conhecimento torna-o essencial.

1.2 A literatura Infantil

A literatura e a leitura são vitais na vida de qualquer pessoa porque é através delas que se inicia o contato com o mundo exterior, a escrita, as cartas e as pinturas. Esse contato pode ampliar o conhecimento de mundo de uma criança pelo olhar de diferentes autores, como o educador e autor de São Paulo Abramovich (1940), os escritores alemães os irmãos Grimm (Jakob Grimm, 1785-1863, e William Grimm, 1786- 1859), o escritor e poeta francês Charles Perrault (1628-1703), a poeta, pintora, professora e jornalista brasileira Cecília Meireles (1901-1964), o escritor brasileiro Monteiro Lobato (1882-1948), o poeta e fabulador francês Jean La Fontaine e outros, a partir das experiências de diferentes personagens e do aprendizado de diferentes formas de expressão. Afinal, contar e ouvir histórias faz parte do cotidiano de todos, mesmo daqueles que não foram expostos às normas formais de escrita, pois o simples ato de contar um fato ocorrido antes é contar uma história.

A arte de ouvir e falar é o ponto de partida da literatura, e ela convive com as pessoas. Olhando para o desenvolvimento humano, percebe-se que a criança primeiro aprende a falar e depois a ler, onde aprende a ler e escrever. Assim, a difusão das histórias orais começa muito cedo na vida do homem,

antes mesmo de ele nascer, tornando o homem essencialmente um contador de histórias.

Então apenas livros que fascinam e intrigam as crianças em todos os sentidos podem ser considerados literatura infantil. Porque a mente da criança precisa de alimento, de bastante estímulo, porque é uma psique muito diferente da de um adulto, e cria uma necessidade de escrita associada a ela. Este alimento deve satisfazer as exigências desta mente, adaptar-se ao ritmo da sua evolução psicológica, ajudá-la a desenvolver-se e satisfazer as suas exigências intelectuais e espirituais.

Mas isso não significa que os adultos não possam se fascinar por ela, afinal a boa literatura deve agradar a todos, não apenas ao seu público-alvo. Sosa (1904, p.94) expressa que: “A máxima virtude de uma literatura infantil está em atuar sobre os sentimentos, produzindo emoções que se classificam entre as funções psíquicas internas mais profundas”.

A literatura infantil é uma forma de literatura, assim como não tem uma definição única que cubra sua finalidade e sua verdadeira natureza, pois essa definição depende de cada escritor e da visão de cada época, mas a verdade é que ambas são formas de arte. Como Carvalho (1989) e Coelho (1987) expressam, o uso da palavra e da criatividade para representar as vidas, sociedades e pessoas de um determinado momento histórico define em parte sua natureza ampla e muito importante. Para Coelho (1987, p. 11): “Fenômeno visceralmente humano, a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa essencial, quanto à própria condição humana”.

A literatura infantil é a base da literatura, a partir da análise histórica de seu surgimento, é a primeira a aparecer, e é uma espécie de capricho sobre fenômenos naturais ocorridos no passado. Foi a partir dessa literatura que histórias, mitos, poemas e diversas outras formas de expressão escrita se desenvolveram, além da literatura infantil de hoje, que fascina e envolve o homem, é composta por ele e é entendida como a exuberante conquista do homem, que escreve isso como seu reflexo. Ela possibilita “conhecer, transmitir e comunicar a aventura de ser” (CARVALHO, 1989, p. 17), apresenta fatos e acontecimentos de forma emocionante e envolvente, abre as portas da imaginação, desenvolve o intelecto, proporciona formação completa, estimula e explora a capacidade mimética humana, demonstra sua função: “atuar sobre as mentes” (COELHO, 1987, p. 12).

Todos esses aspectos mencionados são para a literatura em geral, na qual a literatura infantil é intrínseca. A principal diferença entre eles, no que diz respeito à sua natureza, refere-se ao destinatário da história, que no caso da literatura infantil é a criança. Esse destinatário/leitor/criança precisa especificamente de uma linguagem diferente, de uma mensagem (forma de comunicação) entregue por um autor com diferentes experiências reais, e para um leitor/destinatário/criança que precisa adquirir essas experiências, mudando o momento da leitura ou em um processo na contação de histórias e um ato de aprender, vai um passo além, um processo de ensino/aprendizagem que torna esse momento de ensino um todo.

[...] o livro infantil é entendido como uma “mensagem” (= comunicação) entre um autor-adulto (= o que possui a experiência do real) e um leitor-criança (= o que deve adquirir tal experiência). Nessa situação, o ato de ler (ou de ouvir) pelo qual se completa o fenômeno literário, se transforma em um ato

de aprendizagem. É isso que responde por uma das peculiaridades da literatura infantil (COELHO, 1987, p. 13).

O mundo das histórias ao seu redor traz momentos de ensino desse tipo de aprendizagem, permitindo que as crianças se concentrem, conheçam outras culturas e se engajem no diálogo com o mundo e com os adultos, como expressa Carvalho (1989, p.172): “A literatura infantil é, ao mesmo tempo recreação e terapia, suporte de cultura e o mais importante elemento de comunicação; mas, sobretudo um instrumento de diálogo entre a criança e o adulto”. Esses aspectos auxiliam o desenvolvimento da criança a expressar a ludicidade que ela traz, que é fundamental na vida de uma criança, afinal é a ludicidade que envolve a criança na história, mantém sua atenção, desenvolve e estimula sua linguagem, desenvolve todos os aspectos de sua psique.

A literatura é, sem dúvidas, a forma de recreação mais importante na vida da criança: por manipular a linguagem verbal, pelo papel que desempenha no crescimento psicológico, intelectual e espiritual da criança; pela riqueza de motivações, de sugestões e de recursos que oferece. Ouvindo estórias, dizendo um poema, lendo, dramatizando um texto, realizando um jogral ou um coro falado, encenando uma peça de teatro, de todas essas maneiras a criança, desde os três anos, esta divertindo-se, enriquecendo a sua linguagem e a sua bagagem cultura, ajustando-se ao seu mundo afetivo, através de símbolos (respostas e suas tensões), e liberando seus impulsos. E todas essas modalidades são formas de literatura (CARVALHO, 1989, p. 176).

A literatura infantil é uma coleção de histórias apropriadas para crianças interessadas em seus aspectos emocionais, sociais, psicológicos, intelectuais e ambientais, projetadas para tocar e explorar o mundo interior de cada criança. As histórias criadas ou recontadas pela imaginação rica e cativante das crianças são também uma forma de literatura infantil que lhes

permite organizar e começar a compreender o seu mundo, incluindo as primeiras manifestações da literatura expressas pelas crianças.

Segundo Carvalho (1989), o folclore é uma fonte natural da literatura infantil, que auxilia no crescimento emocional infantil por meio dos símbolos apresentados nessa literatura como parte de um amplo campo de estudos da literatura infantil.

1.3 Contos

A literatura infantil é apresentada às crianças de diferentes maneiras, como prosa ou poesia. Como a prosa, existem lendas, contos, apólogos, fábulas, parábolas, alegorias e novelas. Os contos são divididos em histórias de fantasia e contos de fadas, que são mágicos e diferenciados.

Contos de fadas e contos maravilhosos são essenciais na vida de qualquer criança porque envolvem magia e despertam a imaginação. As crianças ficam muito mais entretidas e preocupadas com contos de fadas do que com histórias de fantasia. Estamos lidando com contos de fadas em relação a grandes histórias aqui, e ambas são histórias fascinantes.

Assim, como a literatura infantil, as histórias não têm data de criação, mas são conhecidas por surgirem em uma época em que as mentes mágicas dominavam a humanidade, levando à crença de que as histórias mais tarde se tornaram literatura infantil. Segundo Góes (1984, p. 114): “O ponto crucial é que os contos de fadas se tornaram literatura infantil, existindo quando não existia a noção de infância e de criança tal como a entendemos hoje”.

Os contos de fadas são uma parte importante da literatura infantil, e há muito tempo enchem o mundo infantil de encanto e emoção com suas

narrativas infantis diretas, simples e acessíveis. Para Carvalho (1989, p. 49), um conto de fadas “é uma estória familiar, do cotidiano, que faz parte do dia-a-dia da criança”, ou seja, um conto de fadas é a representação de uma história de vida, que fascina a criança no seu dia-a-dia. Em geral, utilizam a linguagem simbólica das crianças para lidar com os problemas humanos e a necessidade que os humanos têm de resolver seus problemas e dificuldades. A história nada mais é do que:

[...] tradução de fatos ou invenções geralmente da imaginação do seu criador, mas recolhidos da experiência popular, inspirados em sucessos reais, por vezes na História, em que esse sentido fatalista e inexorável da lenda já não pressiona o desenvolvimento do conhecimento que se transmite (SOSA, 1904, p. 112).

De um modo geral, os contos de fadas são passados de geração em geração através da linguagem oral e são narrativas curtas com histórias como foco e ponto de partida, que são a principal razão para a transmissão de conhecimentos e valores culturais para as gerações futuras. Nesses contos de fadas existem seres mágicos, fantásticos e sobrenaturais, tempo e espaço míticos, mas também possuem certos aspectos da realidade, alguma conexão com a realidade, são situações reais em um grande irrealismo. Os animais falam muito, e falar é um verdadeiro traço humano.

Este é um gênero sobrenatural, visto como maravilhoso, pois de acordo com Carvalho (1989, p. 59): “[...] se caracteriza por sua natureza sobrenatural e seu desafio à razão e às leis gerais, aceitando-se como ponto pacífico essas violações, ou admitindo-se novas formulas para sua explicação”. É um mundo mágico com elementos mágicos e seres sobrenaturais que vão contra as verdadeiras leis de ação e o modo de vida do homem, onde

acontecem disputas, batalhas, vitórias, romances e todo tipo de reações e ações humanas, mas um pequeno toque contém sua magia e fantasia especiais.

Outra das características estudada como elemento importante dos contos de fadas são os acontecimentos que neles sucedem, e como, em geral, tratam-se de velhas lendas, do folclore dos povos dos tempos primitivo [...], é importante afirmar que, sejam quais forem esses sucessos, eles sempre procuram excitar a imaginação e retesar certas cordas da motilidade infantil, para além dos limites habituais da vida diária; que lembram, por vezes, um sonho e possuem qualidades adequadas a despertar e manter presa a imaginação oscilante, ansiosa por encontrar assuntos que abriguem a desocupada faculdade de pensar, e são pedra de toque da ação [...] (SOSA, 1904, p. 125).

Toda a estrutura da história é plana e fixa, sem oscilações entre uma ação e outra, e toda a trama segue uma sequência linear em que os personagens têm uma única qualidade distinta e uma única função os acompanha até o final da história. Cada história começa com uma pergunta relacionada à realidade que acaba quebrando a calma no início da história. A partir desse momento, inicia-se a busca por uma solução adequada ao problema, e quando o resultado ocorre, tudo volta à sua ordem calma e natural, onde há um retorno à realidade e uma solução concreta para o problema.

Os personagens não mudam suas qualidades ou comportamento, ou seja, se forem boas pessoas, continuarão sendo boas pessoas até o final da história. O momento da história é indeterminado, não há data ou hora aparente ou descrita, sempre ocorre "há muito, muito tempo". Descrever o espaço da mesma maneira em um "lugar distante" ou "país muito distante" mostra um lugar hiperespaço. As histórias apresentadas contam a história de

um herói, e mostram os fatos e todas as melhorias e atitudes honrosas que envolvem esse herói.

Este fantástico mundo de histórias está repleto de seres mágicos e sobrenaturais cujas características se refletem na própria realidade. Uma fada é um personagem de uma história, um símbolo de bondade, um ser mágico que possui o poder de mudar o destino dos mortais e possui virtude e poderes sobrenaturais. Ao contrário dela, as bruxas usam a magia para encantar os mortais e, segundo Coelho (1987), ela é uma fada esquecida que se torna má como uma revolta contra esse esquecimento. Ogros também aparecem nessas histórias como criaturas grandes e malignas. Gigantes, por outro lado, são criaturas gigantescas, às vezes representando o mal, às vezes o bem, e elfos, que são seres mágicos que podem realizar desejos. Elfos e gigantes representam a ambivalência humana, às vezes são pessoas boas, às vezes são pessoas más, representando a natureza humana.

Além de criaturas mágicas, essas histórias também trazem itens mágicos como varinhas que constituem um item mágico que cumpre os desejos e comandos de quem a possui.

O espelho mágico também aparece nos contos de fadas, é fascinado, pode ver além dos olhos e ser uma porta de entrada para outro mundo. “Enfim, enveredando pelos caminhos do maravilhoso, inumeráveis são os seres e os elementos encantatórios que povoam as estórias infantis, divertindo as crianças e projetando os sonhos dos homens” (CARVALHO, 1989, p. 64).

Esses recursos e a presença mágica nas histórias mostram o entretenimento que possibilita à criança ouvir histórias, e estão intimamente relacionados à educação, pois cada história traz um elemento educativo que

leva a criança a refletir sobre aspectos reais e sua questão de vida. Toda história tem uma moral que, em última análise, afeta a atitude e o comportamento de uma criança. As histórias são um excelente recurso para a educação infantil, as crianças serão expostas pela primeira vez a diferentes histórias, o que as levará a aprender a agir diante das dificuldades.

Nem todos os livros infantis com magia e criaturas mágicas são contos de fadas, e sua estrutura, elementos, movimentos e formas de apreciação devem ser observados e preservados na leitura para crianças. De acordo com Abramovich (2001, p. 121): “Cada elemento do conto de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e, se for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto”.

Um desses elementos integrantes é a estrutura, onde todas as histórias compartilham o mesmo conteúdo. A história começa com o desejo do protagonista, vontade, intenção de fazer algo, e depois ele sai de casa para realizar esse desejo, ele enfrenta desafios e obstáculos nessa jornada, que são sempre superados e resolvidos, justamente naquele momento, há um amigo para ajudá-lo a resolver esses desafios e superar obstáculos, e finalmente o herói atinge seu objetivo de atravessar através de todas essas dificuldades.

1. Toda efabulação tem, como motivo nuclear, uma aspiração ou desígnio, que levam o herói (ou heroína) à ação.
2. A condição primeira para a realização deste desígnio é sair de casa: o herói empreende uma viagem ou se desloca para um ambiente estranho, não-formal.
3. Há sempre desafio à realização pretendida: ou surgem obstáculos aparentemente insuperáveis que se opõem a ação do herói (ou heroína).
4. Surge sempre um mediador entre o herói (ou heroína) e o objetivo que está difícil de ser alcançado; isto é, surge um auxiliar mágico, natural ou sobrenatural, que afasta ou neutraliza os perigos e ajuda a vencer.
5. Finalmente o herói conquista o almejado objetivo (COELHO, 1987, p. 77).

Há elementos que estão sempre presentes nas histórias, apresentando-se como suas características, são eles: a onipresença da metamorfose: transformar seres ou coisas através da magia; o uso de feitiços: o uso de feitiços ou itens mágicos; o poder do destino: tudo é destinado; o desafio do mistério: o herói sempre tem um mistério para resolver; a repetição de números: reiteração de números, associada a simbologia; a magia e a divindade: intervenção mágica, ou ação divina; valores ideológicos: valores ou ideias entregues pela história (COELHO, 1987).

Valores humanistas, oscilação entre ética maniqueísta e ética relativista, a inteligência se sobressai sobre a força, a ambição e insaciabilidade causam prejuízos, existe uma ordem natural que deve sempre ser seguida, os mais velhos sempre detêm o poder e a autoridade, o indivíduo que ao final alcança seu objetivo é aguçado com dons excepcionais, é a mulher quem possibilita uma ascensão social ao homem e é sempre submissa a ele, enfatiza a ambiguidade da natureza feminina (COELHO, 1987, p. 128).

Ver os contos de fadas como uma possibilidade para as crianças lerem é uma opção viável porque traz valores, relações sociais, organização do texto, linguagem adequada, além de ajudar as crianças a desenvolver a linguagem, tanto falada quanto escrita. Mas os contos não são os únicos a proporcionar esses aprendizados, também são mitos e lendas em tipos de histórias infantis e todos devem ser apresentados à criança e dirigidos a ela.

A ARTE DE LER E CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS



FIGURA 2. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS
Fonte: <https://www.google.com.br>

Contar histórias é um ato familiar aparentemente simples, mas a atitude do contador de histórias, escolha da história, adequação à idade, conhecimento da história, local onde a história é contada e os materiais utilizados influenciam muito no encanto e na atenção da criança. Afinal, contar histórias é uma arte, por isso requer habilidade e há pequenos segredos que a tornam única.

De um modo geral, a pessoa que cuida e educa uma criança é a primeira a contar uma história, e para que a história realmente alcance a

criança, ela deve estar ciente de seu importante papel na vida dessa criança e fazê-la com amor. Os contadores de histórias, que podem ser mães, pais, avós, avôs ou qualquer familiar, e professores que darão continuidade ou iniciarão esse trabalho de leitura e introdução de livros de brinquedo para crianças em instituições de ensino, devem estar cientes de seu papel de importante mediador entre crianças e livros, ele facilitará essa conexão entre os dois, independentemente do local, espaço, idade e tempo.

Em muitas escolas predominava a ideia de que para contar histórias não se exigia formação específica do professor, como se contar histórias para as crianças fosse apenas abrir um livro, ler e mais nada. Na verdade, além da “paixão” do professor pela leitura, que é um dos elementos essenciais de aproximação dos alunos com o texto escrito, há toda uma concepção de texto literário, de suas estruturas e de como encaminhar a criança para que a leitura seja uma ação contínua em sua vida. Se o profissional não possuir esse substrato teórico mínimo, poderá comprometer a mediação da leitura na escola (BARROS; BORTOLIN; SILVA, 2006, p. 91).

A escolha da história é o primeiro passo para uma boa contação, influencia muito no ato de contá-la e no interesse de quem a ouve, “o importante na literatura é interessar a criança, sob todos os aspectos: intelectual, emocional, social ou ambiental, psicológico, etc.” (CARVALHO, 1989, p.48), além disso, a história só proporcionará interesse e prazer para quem a ouve se quem a conta sentir prazer e interesse pela mesma, como expressa Coelho (2001, p.14): “Se a história não nos despertar a sensibilidade, a emoção, não iremos contá-la com sucesso. Primeiro é preciso gostar dela, compreendê-la para transmitir tudo isso ao ouvinte.” Góes (1990) pactua com esta ideia quando expressa que é prescrito que o contador tenha convicção do valor da leitura e entusiasmo com ela para que

possa ter sucesso na história que almeja contar. Utiliza da seguinte expressão para simbolizar esta ideia: “CONVICÇÃO + ENTUSIASMO = COMPETÊNCIA” (GÓES, 1990, p. 21).

A escolha da história deve levar em consideração a faixa etária da criança, e o contador de histórias deve compreender os principais interesses de cada faixa etária, o ambiente em que vive, as condições socioeconômicas, os momentos emocionais em que a criança se encontra e também suas sensibilidades, para que a história possa ser produtiva, envolvente, divertida e positiva para o desenvolvimento da criança.

É fundamental observar como o livro escolhido faz as ilustrações, as pinturas, e como os personagens são retratados, como são sempre apresentadas bruxas feias, fadas bonitas, empregadas gordas, os marginais pobres, desdentados e maltrapilhos. As crianças criam uma imagem específica de um determinado personagem, estereotipam-no, projetando-o assim na sua realidade, pois as imagens, desenhos, pinturas e todas as ilustrações contidas no livro também ajudam a criança a compreender a si mesma, aos outros e ao mundo. A respeito da imagem no livro infantil.

É com o auxílio do livro e particularmente do livro infantil que poderemos influir sobre a vida afetiva e estética da criança: o livro infantil ocupa um lugar privilegiado, pois é o ponto de encontro entre duas artes, a da palavra e a da forma, isto é, o texto e sua ilustração. O texto revela a imagem e a imagem revela o texto; a compreensão e eficácia do livro são aumentadas (GÓES, 1984, p. 27).

Escolher a história certa fica mais fácil quando o contador lê vários livros com antecedência, pois já conhece a qualidade da história, está apto e pronto para contá-la e a escolher.

A escolha da história é outro aspecto importante, pois somente a história que nos dá prazer poderá ser transmitida com prazer; além do mais a leitura prévia respalda o professor/contador, tornando-o mais apto a selecionar histórias de qualidade literária e gráfica a ser apresentada para o aluno/ouvinte (BARROS, BORTOLIN E SILVA, 2006, p. 142).

A escolha da história, a posição do contador, o momento da criança e as informações da história são importantes para alcançar os objetivos da contação de histórias, que são:

[...] socializar, recrear, formar, informar, educar a atenção, enriquecer a linguagem, estimular a imaginação e a inteligência, despertar emoções, desenvolver o sentimento de compreensão e a simpatia humana e despertar o senso estético e artístico-literário, formar o hábito da leitura, sobretudo ensinar a ouvir (CARVALHO, 1989, p. 57).

As histórias contadas devem proporcionar alegria e felicidade tanto para os adultos que as contam quanto para as crianças que as ouvem, pois as crianças descobrem novas palavras e são expostas aos sons das palavras, frases e nomes de objetos. Para isso, a história deve utilizar linguagem adequada à criança, facilitando a compreensão da história, tornando-a mais clara, dinâmica e comunicativa; assim como alerta Paswels apud Abramovich (1993, p. 24): “Quando uma criança escuta, a história que se lhe conta penetra nela simplesmente, como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e o revela muito mais tarde”. A criança constrói o mundo fascinante que inventa e cria incorporando as suas histórias.

Para isso, deve haver uma narrativa de alta qualidade, não uma simples leitura de paráfrases, pois somente uma narrativa de alta qualidade pode estimular a imaginação das crianças, que, na visão de Goés, é o resultado da

combinação de imagem e ação “IMAGINAÇÃO = IMAGEM + AÇÃO” (GÓES, 1990, p. 16).

Outro aspecto relevante que contribui para o sucesso narrativo é onde isso acontece, o espaço deve ser suficiente para acomodar o número de crianças presentes, todos devem estar confortáveis e aptos a sentar no chão ou em uma cadeira ou deitar em uma almofada ou tapete. É importante fazer o público o mais confortável possível para que não haja muito movimento e mudança. É divertido usar alguns recursos musicais na história, principalmente no início e no fim, para fazer com que a criança perceba o início e o fim da história. Essas técnicas ajudam no momento da contação de histórias, além de fazer com que as crianças prestem atenção no que vai ser contado, também ajudam a desenvolver todas as habilidades que uma história traz.

Precisa-se prestar atenção no que mostrar à criança em idade pré-escolar e, mais importante, saber como mostrar a ela. Inicialmente, o livro é apenas um brinquedo para uma criança de zero a cerca de 15/17 meses e a pessoa que o fornece (professor ou familiar) tem que ajudá-la a usá-lo, pois nesta fase ela leva tudo o que trazem à boca, ainda inconsciente da realidade ao seu redor, mas ela diz algumas coisas para expressar a pessoa ou coisa que ela quer.

No bebê é importante o momento de sua formação em que se insere a linguagem, evoluindo até descobrir o sistema fabricado de sinais sonoros oferecidos por seu meio social e dominar o sistema linguístico do seu grupo social. A palavra é o maior privilégio do homem, e é ocupando-se com ela que a mãe ensina a língua materna. A linguagem implica o contato e o comércio afetivo (GOÉS, 1984, p. 30).

É por meio do processo de reconhecimento da realidade a partir dos 15/17 meses que a criança começa a reconhecer e nomear a realidade ao seu redor, o que é essencial para a intervenção do adulto, estimulando a fala, nomeando objetos, animais, brinquedos e desenhos, proporcionando momentos de relação entre a realidade que deve ser nomeada na linguagem e o mundo anterior da criança.

O importante nesta fase é essencialmente a atuação do adulto, manipulando e nomeando os brinquedos ou desenhos; inventando situações bem simples que os relacionem afetivamente com a criança, etc. É nessa fase que o mundo natural e o mundo cultural (o da linguagem nomeadora) começam a se relacionar na percepção que a criança começa a ter do espaço global em que vive (COELHO, 1987, p. 15).

Coelho (1987) diz que os momentos mencionados se referem à primeira infância. A segunda infância, a partir dos dois anos de idade, a criança começa a se conhecer, inicia a fase do egocentrismo, além disso, começa a se adaptar ao meio em que vive e a dominar a linguagem falada. Ainda nesta fase, e nas fases anteriores e posteriores da vida de uma criança, a intervenção do adulto é essencial, sobretudo quando se trata do nosso foco principal, os livros e a leitura, orientando os momentos de brincar com os livros. Nesta fase, a criança ainda está descobrindo o mundo concreto e começando a compreender o mundo da linguagem, e este livro significa muito para ela, mas deve apresentar experiências enraizadas no cotidiano da família, contendo características estéticas específicas.

- Predomínio absoluto da IMAGEM (gravuras, ilustrações, desenhos, etc.); sem texto escrito ou com textos brevíssimos, que podem ser lidos ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a criança comece a perceber a inter-relação existente entre o mundo real que a cerca e o mundo palavra que nomeia esse real. É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio

inteligente, afetivo e profundo com a realidade circundante. • As imagens devem sugerir uma SITUAÇÃO (um acontecimento, um fato, etc.) que seja significativa para a criança ou que lhe seja de alguma forma atraente. • Desenhos ou pinturas, coloridas ou em preto-e-branco, em traços ou linhas nítidas, ou em massas de cor que sejam simples e de fácil comunicação visual. A técnica da colagem tem-se mostrado muito atraente para o olhar e o interesse infantil. • A graça, o humor, um certo clima de Expectativa ou Mistério... são fatores essenciais nos livros para o Pré-leitor. • A técnica da repetição ou reiteração de elementos é das mais favoráveis para manter a atenção e o interesse desse difícil leitor a ser conquistado (COELHO, 1987, p. 15).

As crianças precisam incorporar e tocar tudo o que sabem. Por essa necessidade, o livro é um brinquedo jogável para a criança, ela tem que senti-lo, manuseá-lo, tocá-lo, folheá-lo, entendê-lo bem antes de ouvir seu conteúdo, assim como as crianças dessa idade ficam encantadas e curiosas sobre qualquer coisa que aprimore seus sentidos porque é assim que ela aprende sobre o mundo ao seu redor. Barros, Bortolin e Silva (2006, p.79) complementam essa ideia, dizendo: “Nos contatos iniciais da criança com o livro, existe a necessidade de “materialização” do mesmo, e, nada mais concreto para a criança do que aquilo que ela pode manusear”.

Pela exploração tátil a criança toca e sente, constrói e destrói; ela é engenheira antes de ser mágica. Os seres e as coisas no espaço, as cenas, os sons, efeitos sonoros da linguagem, o ritmo, pequenos versos, até sete sílabas, com rimas, enfim, tudo que requisite os seus sentidos, que lhe dê prazer, porque a criança é hedonista (CARVALHO, 1989, p. 198).

Nessa fase, a criança carece de jogos de palavras porque os sons ajudam a desenvolver a linguagem falada, pois assim como uma criança precisa de estimulação tátil, ela também precisa de estimulação auditiva e visual para que possa se desenvolver plenamente.

- histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados),
- histórias de crianças,
- histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, A formiguinha e a neve etc.),
- histórias de fadas (Coelho (2001, p. 15).

Este mesmo autor acrescentou que as histórias infantis pré-mágicas devem ter um enredo simples, envolvente e animado que assimile a vida real da criança.

Toda literatura para crianças de 0 a 3 anos envolve múltiplos aspectos e, segundo Carvalho (1989), tudo começa com a seleção dos livros, que deve ser feita através do conhecimento prévio de diversos autores e suas obras. O foco deve ser o grupo que será atendido, as crianças para quem a história é contada, pois se não for adequada para aquele grupo, a contação torna-se desnecessária e irrelevante. É importante motivar a criança conversando com ela, dizendo-lhe o que vai ser feito, mostrando-lhe um livro e fazendo-a brincar antes ou depois da história.

Ao lidar especificamente com livros infantis, certifique-se de analisar linguagem e estilo, adapte-se à faixa etária e aos interesses dos pequenos e lembre-se sempre de mencionar o autor de cada obra narrativa. No que diz respeito à linguagem, ela deve ser correta, vívida, vivenciada, simples, mas não empobrecida, atrativa, natural, expressiva, objetiva, porque as crianças não precisam de uma linguagem estreita ou infantil, mas de uma linguagem que agrade seu nível psicológico de compreensão e desenvolvimento, sendo um veículo ao pensamento. O estilo deve ser expressivo, harmonioso, colorido e vigoroso.

A onomatopeia é essencial para a contação de histórias das crianças, um recurso lúdico, estático e versátil. Proporciona o desenvolvimento da

linguagem e a associação com os diferentes sons e imagens de animais, objetos e brinquedos que foram ouvidos. Igualmente importante, a comparação e o exagero ajudam as crianças a entender as histórias e seu desenvolvimento intelectual e emocional.

A figura de linguagem mais utilizada, também importante para o desenvolvimento da imaginação e das maravilhas das crianças, é a prosopopeia, em que características animadas são atribuídas a seres inanimados para tornar toda a história mágica, e animais e objetos falam e têm sentimentos humanos. Tais situações são importantes para mostrar à criança que a natureza também tem vida.

O ambiente também afeta a absorção da história, sendo importante que o ambiente seja organizado de forma que contribua para o desenvolvimento da criança. A criança deve estar confortável, a iluminação deve ser boa, o ambiente deve ser ventilado e o arranjo não deve ser o foco principal no momento. “Portanto, percebe-se que há um dinamismo na relação criança-ambiente; e os adultos precisam estar atentos para isso, de maneira a aproveitá-lo e a contribuir com o desenvolvimento infantil” (BARROS; BORTOLIN; SILVA, 2006. p. 69).

Como contadores ou narradores deste mundo incrível, temos alguns vícios no uso da linguagem, como fala errada, pronúncia lenta, frases confusas, pronúncia errada, hifenização, dificuldade para falar e se expressar etc. Todos esses vícios de linguagem acabam por distrair a criança e perder o objetivo principal da história.

É necessário que o contador de histórias crie uma atmosfera envolvente, cativante e fantasiosa para a contação da história, não esquecendo

a necessidade de contar a história com calma, fazer as pausas e intervalos necessários, proporcionar o tempo necessário para estimular a imaginação da criança, criar toda a narrativa. De acordo com Barros, Bortolin e Silva (2006, p. 142) “para criar este clima pode-se utilizar frases no início e no término da história, frases como “era uma vez”, “num reino tão distante”, “há muitos e muitos tempos atrás”, entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra”, fazem com que o ouvinte entre no tão maravilhoso mundo mágico por meio de sua imaginação. Além disso, a história deve ser contada da forma como o autor a escreveu, respeitando a integridade, totalidade e inteireza da história, pois destruir a história não serve ao propósito de contar. Pode-se contar histórias de cabeça ou recitá-las.

Outra necessidade na contação de histórias é se expressar por meio da voz, e as pessoas devem abusar das possibilidades que ela oferece para expressar verbalmente o que está acontecendo na história. Falar alto quando há gritos na história, falar baixinho quando em um sussurro, imitar sons de animais, e falar com mais calma quando a cena está quieta, expressando assim todos os aspectos da história em palavras, permitindo que o ouvinte sinta aquela cena e entre nela por meio da voz de quem conta. Deve-se falar com clareza, usar intensidade na voz, entender a história e o método que está sendo utilizado (COELHO, 2001).

Ah, é bom saber usar as modalidades e possibilidades da voz: sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importantíssimo; é bom levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo, ou falar de mansinho quando a ação é calma [...] Ah, é bom falar muito baixinho, de modo quase inaudível, nos momentos de reflexão ou de dúvida, e usar humoradamente as onomatopeias, os ruídos, os espantos [...] Ah é fundamental dar longas pausas quando se introduz o “Então [...]”, para que haja

tempo de cada um imaginar as muitas coisas que estão para acontecer em seguida [...] E é bom valorizar o momento em que o conflito está acontecendo e dar tempo, muito tempo, para que cada ouvinte o vivencie e tome a sua posição [...] (ABRAMOVICH, 2001, p. 21)

Há muitas maneiras de contar ou narrar uma história, através da oralidade sem livros, ou seja, da narração simples, através da narração com livros, através do uso de brinquedos, músicas, frases de efeito, recortes de revistas e jornais, instrumentos musicais, objetos de todos os tipos, através de o uso das mãos, dedo ou fantoches, marionetes, teatro de sombras e até mesmo peça teatral, tornam-se um momento cultural educativo para as crianças.

A narrativa simples é a mais utilizada e se encaixa em quase todos os momentos e de acordo com Coelho (2001, p. 31) como sendo a: “mais antiga, tradicional e autêntica expressão do contador”, não sendo necessário à utilização de instrumentos ou de materiais. No entanto, alguns textos exigem que suas imagens sejam apresentadas como um livro para complementar a narrativa, portanto, o uso de um livro não elimina a necessidade de ler e entender a história de antemão. Essa forma de apresentação estimula uma melhor leitura à medida que se torna efetiva com o uso do próprio instrumento. Existem regras para o uso de livros:

Devemos mostrar o livro para a classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente, ler a história. O narrador a conhece, já a estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade a narrativa (COELHO, 2001, p. 33).

Outra forma de apresentar uma história é por meio de figuras, este recurso pode ser utilizado quando as imagens do livro estiverem inconsistentes com o texto, ou quando forem colocadas de forma desordenada na página, se for o caso, pode-se utilizar gravuras reproduzidas, que podem ser ampliadas para que todo o grupo possa vê-las. Ao usar, elas devem ser empilhadas em ordem e colocadas voltadas para baixo, para não se perderem na contagem, tornando natural a ação de troca de gravuras.

As gravuras favorecem, sobretudo, as crianças pequenas, permitem que elas observem detalhes e contribuem para a organização de seu pensamento. Isso lhes facilitará mais tarde a identificação da ideia central, fatos principais, fatos secundários etc. Antes da narrativa, empilha-se as gravuras em ordem, virada para baixo. À medida que vai contando, o narrador as coloca uma a uma no suporte próprio. Este movimento se faz com naturalidade, uma gravura substituindo a outra no momento exato, sem atropelos, a narrativa a fluir ininterrupta, mesmo durante a colocação e troca das gravuras (COELHO, 2001, p. 39).

Os mapas de flanela também são um recurso e devem ser usados para histórias com muita ação na trama, onde o protagonista entra e sai de cena várias vezes. Um flanelógrafo é uma moldura retangular coberta com flanela com as imagens necessárias anexadas, pode ser de diferentes materiais, porém, deve ter uma pequena lixa na parte de trás para que possa ser fixada na flanela superior.

Outro recurso é o desenho, onde pode-se desenhar personagens ou cenas de uma história no quadro-negro ou no papel. É possível desenhar antes de contar ou à medida que os eventos da história ocorrem. Segundo Coelho (2001), esse recurso pode estimular a curiosidade e prender a atenção das crianças.

Além desses recursos, pode-se usar o avental, que prepara a cena, e os personagens são organizados de acordo com a história. Outra forma é a narração simples, mas com a interferência do narrador e do ouvinte, com participação ativa do ouvinte. Segundo Coelho (2001), a fala, o canto e a interferência entre os grupos podem variar muito. Essas distrações ocorrem de acordo com a criatividade do narrador como estratégia para tornar a narrativa mais envolvente e interessante.

O teatro também é muito eficaz para o processo educativo, tanto educacional quanto cultural, impossibilitando a separação. Literatura e drama não se separam, pois por trás do palco há uma história fascinante que usa a palavra como, assim como na literatura, uma comunicação, uma ferramenta literária, um veículo de conhecimento e trabalho coletivo.

Teatro é literatura, evidentemente. Todo contexto de teatro é literatura; embora todo contexto de literatura não seja teatro. Qualquer obra literária é forma de conhecimento; e o teatro, nesse particular, leva vantagem a qualquer outra, pela sua natureza. Basta lembrar que o teatro sempre foi forma de realização em grupo, em equipe. Trabalho em grupo que convoca público (CARVALHO, 1989, p. 275).

Todas as abordagens acima têm seus pontos fortes e objetivos, e escolher os recursos certos para cada história é fundamental, mas o nível de envolvimento depende de como o narrador apresenta a história, quanto tempo ela dura e, mais importante, da idade e dos interesses das crianças. À medida que as crianças evoluem e crescem, seu tempo de atenção aumenta, quando são muito pequenas, sua atenção se estende de 10 a 15 minutos, e quando ultrapassa 15 a 20 minutos, os dados são flexíveis e variam de acordo com o grupo. Portanto, deve-se sempre levar em consideração o momento

da criança quando seus interesses mudam para atingir o verdadeiro propósito da história.

A capacidade de atenção, por sua vez, varia de ouvinte para ouvinte, por conta de seu interesse na trama mas, também, pela qualidade de interpretações do contador/ator que o prende. Entretanto, há uma escala temporal envolvendo essa atividade, em que os ouvintes de pouca idade a toleram por menos tempo, embora peçam sua repetição, por mais de uma vez, desde que a história os agrade por algum motivo que nem eles mesmos sabem identificar (BARROS; BORTOLINI E SILVA, 2006, p. 110).

Esses autores sugerem algumas dicas para contar histórias com base nas necessidades apresentadas neste capítulo:

- Usar recursos de voz, mas com movimentos naturais, sem exageros de gestos, sons e expressões;
- Evitar linguagem no diminutivo;
- Incluir canções cativantes e frases de efeito;
- Evitar versões ruins de histórias;
- Apresentar histórias com padrões raciais, culturais e sociais opostos;
- Manter o foco e não interromper a história.

Essas técnicas podem e devem ser utilizadas em sala de aula, porém sempre utilizar um momento antes e depois da história para que a criança possa se expressar e comentar sobre ela. Isso é apenas para crianças que desenvolveram linguagem ou que estão articulando, como forma de estimular a linguagem oral e expressiva e permitir que as crianças expressem suas experiências. Esse tipo de diálogo de vai-e-vem reduz muito as interrupções das crianças durante a história, e se houver interrupções, segundo Coelho (2001), basta apenas olhar nos olhos da criança, sorrir e fazer um gesto de

espera, agindo assim que não há necessidade de suspender a narrativa, nem de dispersar o grupo.

Segundo Coelho (2001, p. 50): “Contar histórias é uma arte”, então todo contador de histórias não deve apenas ter inclinação e vontade de contar e ler histórias, deve conhecer a tecnologia disponível no momento, mas o mais importante é a força de vontade e o amor do narrador/contador/educador pelo que faz para que cada minuto e cada história seja inesquecível na mente e no coração de cada criança que ouve.

A LITERATURA E DA HORA DO CONTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL



FIGURA 3. LEITURA – A IMPORTÂNCIA DE LER PARA AS CRIANÇAS

Fonte: <https://www.google.com.br>

A importância de ler para crianças e de ouvir histórias está na formação de um leitor, de acordo com Barros, Bortolin e Silva (2006, p. 79): “o que permeia toda a trajetória do leitor ou da sua formação é o elemento lúdico, o prazer que a leitura como um todo vai lhe proporcionar, ou seja, desde o contato tátil com o livro, com a sua ilustração, até o texto escrito propriamente dito”. A leitura infantil proporciona o aprendizado necessário para a leitura de desenvolvimento, pois possui várias palavras, diferentes sons, diferentes formas de estrutura do texto, e mostra às crianças a estrutura formal da leitura e da escrita por meio da ludicidade.

O conteúdo das histórias também contribui para a compreensão dos valores e das relações sociais, e apresenta diferentes situações-problema extraídas da própria realidade, sendo a introdução de valores uma qualidade intrínseca dos livros infantis (GOES, 1984). Além dos valores, a literatura infantil também contribui para a formação da moral infantil e seu desenvolvimento comportamental. Além disso, a literatura é de grande relevância para o desenvolvimento cognitivo infantil, principalmente por sua vinculação com aspectos pedagógicos.

A formação da moral não é a única intenção pedagógica do texto infantil; a preocupação com o conhecimento cognitivo marca grande parte das obras dirigidas à criança. Sem dúvida, isto se liga à antiga vinculação do texto literário infantil com o livro didático: uma forma de ensinar divertindo (ZILBERMAN E MAGALHÃES, 1982, p. 54).

Portanto, percebe-se o aspecto formativo da literatura infantil, que é necessário para as crianças, mas para desempenhar esse papel, precisa de outro aspecto, o aspecto informacional, afinal, formação e informação estão intrinsecamente ligadas, para formar deve se informar e ambos são a intenção da literatura infantil.

Formação e informação não são, portanto, dissociáveis; a segunda, geralmente, está a serviço da primeira; a informação científica não é valorizada em si, esse é um conhecimento que serve a interesses práticos e ideológicos. Conteúdos de história, ciências naturais, geografia, frequentemente recebem arranjo ficcional e integram a literatura infantil como uma forma lúdica de receber informações (ZILBERMAN, MAGALHÃES, 1982, p. 54).

Para as crianças da educação infantil, a leitura e a literatura, proporcionam explorar a sua imaginação, ir além da realidade, estabelecer relações com suas próprias vivências e é o primeiro contato da criança com o

mundo mágico, esse mundo que a encanta. Esse mundo sobrenatural não tem nada de incrível para a criança, mas é um mundo livre e natural, que gera um grande prazer e interesse auxiliando na formação de seu intelecto e imaginação. A criança interpreta esse mundo por meio de suas experiências, de suas próprias sensações, o que faz com que todas as coisas que surgem nas histórias sejam realizáveis para as crianças, por ser interpretada por suas experiências (SOSA, 1904).

O que para nós é o mais lógico, parece extraordinário no mundo da criança. Simultaneamente à evolução dos seus sentidos, ela vive a descoberta do maravilhoso e, à medida em que cresce, novos e contínuos mundos vão surgindo para a sua imaginação, vão-se realizando para ela (SOSA, 1904, p. 24).

Apesar de ser incapaz de reconhecer códigos escritos formais e compreender diferentes letras e palavras, utilizar imagens, contação de histórias, drama, fantoches, imitações e diferentes tons ajudam a criança a entender e se envolver com a história, por meio de sua imaginação e sua capacidade de conectá-los com os personagens aos quais se fascina, ou entre conhecidos e personagens, ou mesmo entre eventos de sua vida e eventos de sua história, ela desperta a imaginação. Para Coelho (2001, p.12): “[...] a história é importante alimento para a imaginação. Permite autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança”.

Nessa idade, a imaginação de uma criança é mais replicável do que a criatividade, pois recria momentos que foram vividos, vistos ou ouvidos em uma curta vida. Nesse estágio, a imaginação criativa da criança é um tanto limitada, e essa imaginação muda e se desenvolve mais tarde, à medida que a criança representa as imagens que vê em sua imaginação e mais tarde

reproduz em sua vida. Dessa forma, é necessário nutrir essa imaginação, proporcionando à criança momentos que estimulem sua imaginação reprodutiva para que ela possa se tornar criadora. A expressão das imagens pela criança mais tarde se torna linguagem falada.

Isso acontece porque a criança tem dificuldade em organizar suas experiências em seu mundo interior e precisa de estímulos externos para alimentar sua imaginação e ajudá-la a organizar suas experiências, enchendo seu coração de experiências diferentes. A literatura infantil torna isso possível porque possui dois elementos necessários no processo.

[...] a história, que apresenta, de maneira sistemática, as relações presentes na realidade, que a criança não pode perceber por conta própria [...]. [...] a linguagem, que é o mediador entre a criança e o mundo, de modo que, propiciando, através da leitura, um alargamento do domínio linguístico, a literatura infantil preencherá uma função de conhecimento [...] (ZILBERMAN E MAGALHÃES, 1982, p. 13).

No que diz respeito à linguagem, esta é a principal ferramenta de expressão, e sua função social é a comunicação com o ambiente, e a relação entre os sentimentos e pensamentos das crianças e o ambiente em que vivem, integrando os aspectos psicológicos e físicos das crianças. A partir do momento em que adquire a linguagem, passa a se diferenciar dos que a cerca, buscando incorporar seus conhecimentos e comportamentos.

O desenvolvimento dessa linguagem é possibilitado pela literatura infantil, que deve servir como auxílio externo para ajudar as crianças a organizar suas experiências e desenvolver conceitos de tempo e espaço, pois as histórias infantis apresentam a conexão entre passado, presente e futuro e os espaços que habita. Assim, através da história, a criança desenvolve esses conceitos, que ainda são complexos na fase pré-mágica.

A história infantil mostra a continuidade entre dois tempos – o passado, representado pelos velhos (como o Vovô, do ciclo de Taquara-Poca), e o presente, encarnado nos jovens – e entre dois espaços, o rural e o urbano, indicados simultaneamente pelas mesmas personagens. A revitalização, todavia, depende do apelo a fantasia que transfigura o rural em espaço de aventura ou então do deslocamento para terras desconhecidas e das adversidades vividas pelos heróis (ZILBERMAN E LAJOLO, 1986, p. 127).

Nas histórias, por meio das fantasias, as crianças encontram respostas para problemas, ideias para resolver problemas, e descobrem um mundo vasto e cheio de conflitos, impasses e soluções, o que, segundo Parreiras (2008), se deve à relação entre a obra e o sujeito. Acontece pelo diálogo que existe entre ambos. Ao ouvir a história, as crianças vivenciam diferentes emoções como raiva, tristeza, alegria, medo e preocupação, levando-as a refletir sobre suas dificuldades e possíveis soluções. Eles possibilitam conhecer outros lugares, outros espaços, outros tempos, outros comportamentos, comportamentos e modos de vida. Além disso, essas histórias inspiram as crianças a desenhar, ouvir, ficar, pensar, sair, brincar, focar, tocar livros diferentes e querer ouvir mais histórias ou a mesma história mais de uma vez, desde cedo, gostar de ler e de livros, ajuda-a também a desenvolver a linguagem falada e a identificar e nomear diferentes objetos e coisas.

[...] é ela quem, por si mesma, estimula, nas crianças, interesses adormecidos que esperam que essa espécie de varinha mágica os desperte para aspectos do mundo que as rodeia; age sobre as forças do intelecto, como a imaginação ou o senso estético, que precisam de impulso de correntes exteriores para adquirir pleno desenvolvimento na evolução psíquica da criança (SOSA, 1904, p. 29).

A literatura também é portadora de informação. Através da história, as crianças aprendem sobre diversos temas com curiosidade. Talvez naquele momento ela não queira saber melhor o que está contido naquela história, mas então, em algum momento de sua vida, a informação será necessária e ela já a tenha. À medida que suas experiências e vidas mudam, a curiosidade surge, e uma solução simples e agradável é através de histórias.

Por todas essas possibilidades de ampliar o conhecimento em todas as áreas que a criança possui, a leitura deve começar desde muito cedo, começando na primeira infância, quando ela ainda está em suas primeiras experiências, quando ela ainda não leu, mas já entende a história que símbolo apresenta. Nesta fase, a evolução da inteligência infantil é de inserção exploratória e adaptação objetiva, inicialmente por meio de um processo realista e posteriormente animista (SOSA, 1904). Portanto, não há história que não possa ser apresentada a uma criança, e segundo Carvalho (1989), nem todo livro ela pode ler, mas quase todas as histórias podem ser contadas a ela, desde que ela seja ajustada à sua idade e ao seu desenvolvimento intelectual, desta forma, é considerado igualmente importante o como que se faz e o que se faz, ou seja, como ler ou contar uma história e o que contar ou ler.

A literatura infantil é importante para as crianças porque toca no básico da sabedoria popular, do cotidiano, da condição humana, e provoca seus desequilíbrios intelectuais, convidando a criança a buscar e encontrar soluções e respostas para suas dificuldades ou problemas.

Os contos de fadas auxiliam as crianças nesse processo, pois orientam quem as ouve a aprender, superar, desviar, confrontar, substituir, lidar, viver

e compreender, os medos que cada pessoa apresenta em seu próprio tempo, cotidiano, seus conflitos internos, dificuldades da infância, amor mútuo e amor não correspondido, fé, força, bem e mal, diferentes formas de necessidades, sua própria identidade, abandono, perda, reencontro, relacionamentos familiares e muitas outras questões de sentimentos internalizados pela criança através de fantasia e imaginação.

A fantasia é essencial na literatura infantil porque estimula a imaginação e sempre fornece alguma informação às crianças, principalmente quando se trata de resolução de problemas e conflitos internos. Zilberman e Magalhães (1982, p. 132) dizem que: “A fantasia é o setor privilegiado pela vivência do livro infantil. De um lado, porque aciona o imaginário do leitor; e, de outro, porque é o cenário onde o herói resolve seus dilemas pessoais ou sociais”. Todos esses aspectos contribuem para a criação da subjetividade da criança, por meio da exposição aos signos e à ludicidade contida nas histórias infantis.

Uma subjetivação que mostra o encontro da criança com o signo, que é a potência do encontro, significando que o texto (escrito e ilustrado) é a produção feita pelo adulto em que a criança se subjetiva- se cria, se desenvolve- com esse texto num processo de sublimação. É como uma transferência que a criança estabelece com o texto (PARREIRAS, 2008, p. 165).

Contos maravilhosos e peculiares são essenciais na literatura infantil por seu significado simbólico, auxiliando o ser humano a enfrentar as diferentes fases da vida, amadurecer emocionalmente o indivíduo e transitar do id ao ego. Sobre essa evolução da psicanálise.

[...] os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional. O que se processa desde a fase

narcisista ou egocêntrica inicial, em que domina o eu inconsciente, primitivo e instintivo (Id); durante a qual, segundo Jung⁷, a energia psíquica primária (que regula toda a vida humana) é dirigida exclusivamente para o próprio eu; até a fase final (a que poucos chegam) de transcendência da própria humanidade, por um eu ideal (Superego). Entre essas duas fases polares, dá-se a evolução mais significativa do ser humano: a passagem do egocentrismo para o sociocentrismo: a do eu consciente (Ego), real, afetivo, inteligente, que reconhece e valoriza o outro, como elemento chave para a sua própria auto-realização (COELHO, 1987, p. 33).

Essa maturidade interior de uma criança é decisiva para sua formação e vida, e os contos de fadas são de grande relevância nesse processo, além de lhe mostrar diferentes categorias de valores, também ajuda a criança a se conectar com o mundo através de sua mente, transferindo os aprendizados para sua vida e identificando-se com os personagens da história.

Assim, é possível perceber as relações e conversas que as crianças constroem entre a história e suas próprias experiências. Isso ocorre por meio de um processo que envolve aspectos sensoriais, emocionais e racionais, transformando o indivíduo a um leitor que “pensa, avalia, critica, escolhe”, segundo Góes (1990, p. 17).

Dessa forma, a literatura infantil possibilita “criar pontes” (PARREIRAS, 2008, p. 176), ou seja, dialogar com o mundo e com a subjetividade da criança, que proporciona a criação de diferentes pontes que se cruzam, pontes entre a criança e o mundo e a criança e sua subjetividade, mas isso só é possível pelo fato das histórias contarem com “[...] com conteúdos fantasiosos, com metáforas, com possibilidades de entender e compreender o mundo como se fosse” (PARREIRAS, 2008, p. 176), além de

trazer conquistas, relações, descobertas e conflitos que se alteram e se modificam conforme cada história e conforme o desenrolar de cada história.

As histórias que compõem a literatura infantil existem desde os primórdios, quando ainda eram adaptações de histórias adultas, dicotômicas em sua natureza ideal e específica. Essa dicotomia também existe na literatura desde o início, e a questão é: essa linguagem é literatura ou arte educativa? Esta dicotomia está intimamente relacionada com a finalidade da literatura infantil, entretenimento ou educação?

Sob esse aspecto, podemos dizer que, como “objeto” que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, “modifica” a consciência-de-mundo de seu leitor, a Literatura Infantil é Arte. Por outro lado, como “instrumento” manipulado por uma intenção “educativa”, ela se inscreve na área da pedagogia (COELHO, 1987, p. 25).

As opiniões se dividem, de acordo com Coelho (1987), mas tudo depende da intenção do autor, mas vale ressaltar que mesmo que essa intenção seja apenas lúdica, ela ainda tem uma formação pedagógica, que orienta e propaga valores diferentes, que orientam o comportamento, as normas de conduta, que dá a porcentagem de ensino. Há também livros com intenções pedagógicas específicas e livros com finalidades específicas de entretenimento.

Independentemente da especificidade dos livros de literatura infantil, se for construída uma ponte entre o livro e a subjetividade da criança, a criança passa a formar uma compreensão do mundo, o que possibilita expressar a realidade ouvida, no caso das crianças de 0 a 3 anos, em sua mente. Em outras palavras, o conhecimento do mundo através do contato

entre o eu e o livro (o outro) possibilita a representação da realidade, proporcionando assim o conhecimento do mundo.

É, portanto, de uma relação que se estabelece entre o eu e o outro (= tudo que não seja o próprio eu) que nasce a consciência, e desta resulta o Conhecimento. E porque a consciência nos leva ao conhecimento, ela se nos impõe como fator essencial da obra literária (COELHO, 1987, p. 28).

A visão ou sentido do mundo apresentado na história é de cada escritor, mas é importante que as crianças consigam desenvolver uma relação entre o "universo literário" (expressão utilizada por Coelho (1987, p. 29)) e sua subjetividade, permitindo-lhes formar consciência do mundo, possibilitando que as crianças desenvolvam uma relação mais próxima com o mundo real.

Daí a importância que se atribui, hoje, à orientação a ser dada às crianças, no sentido de que, ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e o mundo interior, pra que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo que ela está descobrindo dia-a-dia e onde ela precisa aprender a se situar com segurança para nele poder agir (COELHO, 1987, p. 29).

Com tudo o que pudemos perceber e interpretar, a capacidade e função formativa da literatura infantil é, portanto, fundamental e original na vida da criança, principalmente por sua falta de perspectiva, que, quando realizada, permitirá questionar e explicar o conteúdo representado.

O assunto explorado expressa a importância da literatura infantil e todas as possibilidades de seu papel no desenvolvimento global da criança, desta forma mostra a referida forma de contar a história, sempre levando em

consideração o público-alvo e o objetivo que se tem ao apresentar algumas histórias.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que a arte de contar histórias e que a literatura infantil nasceu muito antes de ser verdadeiramente compreendida e voltada para as crianças, o que nos garante que qualquer história pode ser contada para crianças desde que se entenda sua linguagem. Dessa forma, o contador ou professor pode fazer ajustes relevantes à faixa etária da criança e contar, ler, mostrar ou dramatizar qualquer história, conto ou fato para a criança.

Há muitos recursos disponíveis e é preciso entender o que uma determinada história pede, algumas histórias precisam de imagens, outras histórias de objetos, mas realmente todos eles necessitam da voz, especialmente doce, calma, simples ou barulhenta do contador. Esse discernimento depende de quem vai contar ou ler a história, pois cada momento de cada história exige algum tipo de reação ou atitude dela. Por isso, é importante ler e entender a história com antecedência, além de se programar: como contá-la? Qual recurso usar? Onde será realizada? Em particular, quem é o público-alvo? Responder a essas perguntas é fundamental no momento para atingir verdadeiramente seus objetivos de entreter, estimular e educar as crianças.

Vale ressaltar que a postura, a linguagem, o interesse e o entusiasmo do contador de histórias pelo que está fazendo podem influenciar o interesse da criança, além de fazê-la se envolver com a história e esquecer o que está ao seu redor.

[...] o narrador de estar consciente de que importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu, emprestando vivacidade a narrativa, cuidando de escolher bem o texto e recriando-o na

linguagem oral, sem as limitações impostas pela escrita. A história é que sugere o melhor recurso de apresentação, sugere inclusive as interferências feitas por quem a conta (COELHO, 2001, p. 11).

Se todos os cuidados forem tomados, se todos os aspectos forem minuciosos, o leque de possibilidades de desenvolvimento que esse momento traz para a criança é inexplicável. A partir de um momento como esse, além de aprender com o conteúdo ou conhecimento trazido pela própria história, a criança desenvolve a atenção, aprende a resolver problemas do dia a dia e em alguns casos fica mais confiante para agir, estimular a linguagem e expandir suas habilidades de vocabulário e desenvolvimento das expressões corporais e faciais. Além disso, é um alimento importante e extremamente necessário para a imaginação e inteligência das crianças, pois elas estão em fase de desenvolvimento e precisam de ajuda para complementar seu pequeno mundo interior. Por meio de histórias, as crianças também podem aprender sobre os sentimentos humanos, recriá-los no cotidiano e serem incentivadas à leitura desde cedo.

Precisamos despertar-lhes o desejo de ler, enquanto há tempo, o que requer segurança e prática na arte de ler e de contar histórias. Mas se não se começa, jamais se adquire essa prática, repito. E uma vez que se consiga atrai-los, estão conquistados [...] (COELHO, 2001, p. 35).

É importante ressaltar que muitas das crianças do mundo não têm acesso aos livros em casa, comprovando novamente que os professores precisam fazer esse trabalho para inspirar a leitura, seja por meio da contação de histórias ou da própria leitura, a partir da educação infantil, em grande parte pelo fato de que a TV ocupa a maior parte do tempo das crianças em casa. É difícil no começo, mas quando as crianças começam a se fascinar e

percebem que o momento é prazeroso, contar histórias a cada dia se torna mais envolvente e gratificante.

Outra compreensão proporcionada pelo conteúdo da pesquisa tem a ver com a forma como as histórias são contadas e lidas. O primeiro ponto relevante a resumir é: nunca tente contar uma história sem conhecê-la, pois, quando você tenta contar uma história sem ler antes, o contador/professor se perde nela, provocando uma dispersão completa nos alunos, em que o fascínio e a atenção se perdem. Esse aspecto torna-se mais intenso e prejudicial em berçários, onde os períodos de atenção são mais limitados, levando a um reconhecimento de que livros, fantoches, brinquedos, imagens, aventais ou outros tipos de ferramentas são necessários para ganhar essa atenção. Um pouco de fixação é crucial, podendo ser gerado com potencial uso da voz.

A partir do maternal, apenas a história sem recursos, com o som, os fascina e captura a atenção. Isso não impede que recursos diferentes sejam usados, mas não exige que eles sejam usados com frequência.

Assim, todas essas propriedades de classe, as mais importantes são:

1º A vontade e interesse do professor ou contador de histórias em contar a história escolhida;

2º A leitura e conhecimento prévio de história;

3º A situação da turma ou grupo para quem estará lendo ou contando a história, pois, se estiverem agitados, precisam se acalmar antes de iniciar a história pois as pausas distraem e quebram o feitiço, além de ser desgastante também para quem conta ou lê.

Nesse sentido, a conclusão retirada por meio deste livro é que todo educador de infância deve ser um bom contador de histórias, mas deve sempre buscar aprender mais técnicas e, no final das contas, contar histórias é uma arte, portanto requer compreensão e conhecimento específicos.



FIGURA 4 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA EDUCATIVA
Fonte: <https://petpedagogia.ufba.br/contacao-de-historias-como-pratica-educativa>

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.

ARAÚJO, Ana Paula de. **Novelas de cavalaria**. Disponível em <http://www.infoescola.com>. Acesso em 14/06/2022.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA, 2006.

BETTELEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Tradução de Arlene Caetano – São Paulo: Paz e Terra, 2007. 21ª edição.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A Literatura Infantil visão histórico e crítica**. São Paulo: Global Universitária, 1989.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história-teoria-análise**. 4ª ed. São Paulo: Quiron/Global, 1987.

MESQUITA, Armindo Teixeira. **O conto de fadas folclórico sabe falar à criança**. 2008. Disponível em http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/o-conto-de-fadasfolclrico-sabe-falar--criana-0/html/01e4e88e-82b2-11df-acc7-002185ce6064_2.html. Acesso em 14/06/2022.

OLIVEIRA, Cristiane Mandanêlo de. **A importância do maravilhoso na literatura infantil.** Disponível em <http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm>. Acesso em 14/06/2022.

PARREIRAS, Nífa. **O Brinquedo na literatura infantil: Uma leitura psicanalítica.** São Paulo: Biruta, 2008.

SALEM, Nazira. **História da literatura infantil.** 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

SANTANA, Ana Lucia. **Carl Gustav Jung.** Disponível em <http://www.infoescola.com>. Acesso em 13/06/2022.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil.** São Paulo: Cultrix, 1904.

GÓES, Lúcia Pimentel. **A aventura da literatura para crianças.** 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil.** 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1984.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Regina. **Um Brasil para crianças: Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias autores e textos.** São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação.** São Paulo: Ática, 1982.